

Máscara da ditadura

8. IV. 52

RAUL PILLA

QUE a crise política francesa é essencialmente uma crise moral em desenvolvimento há muitos anos, está confessado na declaração com que Antoine Pinay pede à Assembléa Nacional a sua investidura na chefia do governo.

«O que provoca neste momento a baixa do franco — diz ele — é a reacção de esbanjamento dos indivíduos que precipitam a sua própria queda. O espírito de economia deve penetrar não só o Estado, mas a nação inteira. Deve-se punir o esbanjamento e a fraude. É preciso denunciar o luxo que insulta a miséria. É preciso que a disciplina social reduza voluntariamente o consumo. É preciso restabelecer o civismo ante a obrigação do impôsto. A fraude tem de ser combatida com o máximo vigor, em sanções severísimas contra os fraudadores de impostos».

Neste quadro devem atentar quantos desejem compreender o que se está passando em França. Não se trata de uma crise das instituições políticas, senão de uma profunda crise moral com as suas inevitáveis repercussões políticas. Por que se

têm sucedido os gabinetes tão rapidamente porque a nação, representada nos seus vários partidos, se tem recusado a aceitar os sacrifícios necessários à salvação nacional.

É uma tal situação que o sr. Antoine Pinay pretende resolver com providências meramente técnicas. Não está aí uma contradição? A questão não é tanto escolher soluções, como dispor-se aos sacrifícios que elas implicam. A questão não é técnica, nem já política, mas fundamentalmente moral. O sr. Pinay sabe disto. E, porque o sabe, antecipa-se a De Gaulle, apelando para o recurso dos povos perdidos: a força. Pois outra coisa não significa a reforma constitucional que reclama, para dar ao Executivo poderes eficazes. O governo de técnicos, com que se apresenta, não passa de máscara da ditadura.